

Conectados com a Gente

Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva - Ano II - Nº 10 - Rolândia, 07 de setembro de 2022

Destaque: CENTENÁRIOS



200 Anos da
Independência
do Brasil

100 Anos da
Tradução da Pedra
de Roseta



100 Anos da
Semana de Arte
Moderna

EDITORIAL	SUMÁRIO
Olá! Estamos muito contentes com esta nova publicação de nossa revista por vários motivos. Principalmente, por termos chegado à 10ª edição!!! Para nós, é razão para comemorarmos bastante! E os outros motivos compõem o tema que se apresenta nas próximas páginas: os fatos históricos comemorados neste ano. A começar pelo bicentenário da Independência do Brasil. Nem é preciso dizer que se trata de uma data importantíssima para nossa história. A partir do dia 7 de setembro de 1822, o Brasil começou a construir sua história como país. Também temos o centenário da descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon e da tradução da Pedra de Roseta. Esse em especial foi um evento que trouxe luz sobre como era a vida no Antigo Egito. Por fim, também acontece neste ano o centenário da Semana de Arte Moderna, evento importantíssimo para a Arte e a Cultura brasileiras. Literatura, Pintura, Música e outras artes começaram, desde então, a construir uma expressão mais próxima do povo brasileiro. Os três eventos históricos, que parecem muito distintos, são importantes para a definição da nossa identidade: a construção de nossa cultura passa por esses eventos e o reconhecimento de qualquer povo necessita da compreensão de que a Independência, a História, as Artes e a Literatura fazem parte dessa construção. Ah! E queremos dar as boas-vindas para o novo integrante do projeto Conectados com a Gente: Marcio Vinícius de Melo de Alvarenga. Esperamos que gostem das reportagens escritas por nossos jovens jornalistas! Conectados com a Gente!	Dia do Fico 03 Cultura brasileira 04 Hino da Independência 06 Pedro Américo e a Independência do Brasil 07 Vale dos Reis no Antigo Egito 08 Arqueologia egípcia 09 Tradução da Pedra de Roseta 10 A pintura na Semana de Arte Moderna 11 A poesia modernista 13 A trágica e incompreendida arte em meio à ignorância 14 A importância da Semana de Arte Moderna para a língua e a literatura no Brasil 16

Dia do Fico

*Por Isabelly Boni Cardoso
e Lethicia Boni Cardoso*

Você já deve ter estudado a famosa frase de Dom Pedro: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico”. O Dia do Fico entrou para a história do nosso país no dia 9 de janeiro de 1822, pois ele marcou o começo do ano que seria o da libertação política da colônia portuguesa. Sendo obrigado pela capital a retornar e requerer a recolonização do Brasil, Dom Pedro I anunciou naquele dia que continuaria nas terras brasileiras. Essa decisão não só marcou o não cumprimento de uma ordem portuguesa no Brasil, como também esse descumprimento equivalia à desobediência, ou seja, os mandamentos de Portugal já não valiam mais aqui.

A alta sociedade estava feliz com as mudanças trazidas pela família real para o Brasil. Além de uma autonomia provocada pela elevação a Reino Unido, a economia da colônia se fortaleceu com o comércio de produtos ingleses. No entanto, os portugueses ainda tinham o controle do comércio litorâneo.

O apoio à independência se consolidou ainda mais, pois, o Brasil independente daria a essas elites o controle do comércio, que até então estava nas mãos dos portugueses. Na política, a presença de portugueses em cargos importantes da administração colonial irritava a elite, que desejava ocupar esses cargos. A autoridade portuguesa foi questionada em todas as frentes.

Logo depois da chegada de Dom João VI em Portugal, a Coroa solicitou a volta de Dom Pedro.

Assim, a recolonização brasileira seria realizada. Por isso, a prolongação do príncipe regente no Brasil encaminharia ao processo de independência. O apoio à libertação política brasileira de Portugal ganhava adeptos e pressionava Dom Pedro a permanecer.

José Bonifácio foi interlocutor do príncipe e o ajudou em sua decisão. Percebendo a força de sua liderança entre os brasileiros, Dom Pedro decidiu ir contra as ordens portuguesas e permaneceu no Brasil para conduzir os passos finais rumo à independência.

Se pararmos para pensar sobre o processo de independência do Brasil, o Dia do Fico foi muito importante, pois significa que as ordens vindas de Portugal não seriam mais seguidas na colônia. Além do que essa ação ganhava um novo líder, o príncipe regente Dom Pedro I, que estava decidido a não seguir mais essas ordens e continuar no Brasil.

Com Dom Pedro no Brasil, a independência era uma questão de tempo. O príncipe regente tornou-se o primeiro governante e procurou, ao longo dos meses de 1822, validar o apoio das capitâneas à causa da independência. Ficando no Brasil, Dom Pedro I tornou-se o condutor que proclamou a independência, no dia 7 de setembro de 1822.

Fontes:

BEZERRA, Juliana. **Dia do Fico**. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/dia-do-fico/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

HIGA, Carlos César. **Dia do Fico**. 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/dia-do-fico.htm>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA, Daniel Neves. **9 de janeiro – Dia do Fico**. Brasil Escola. 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/9-de-janeiro-dia-do-fico.htm>. Acesso em: 18 ago. 2022.



Museu Imperial.
Cidade de Petrópolis (RJ).
Imagem: Wikipedia Commons.

Cultura brasileira

*Por Marcio Vinícius de Melo de Alvarenga
e Prof. Marcelo C. Acri*

A cultura brasileira é caracterizada por culturas que formaram a nossa identidade. Essas culturas compreendem as etnias indígenas, europeias e africanas. Ao considerarmos a história de nosso país e as diversidades étnicas que construíram o Brasil que conhecemos hoje, vemos um lado do que é cultura.

O professor Luiz Costa Pereira Júnior, da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), em 2014, na disciplina “Cultura Brasileira”, no curso de licenciatura em Ciências, afirmou que é difícil explicar o que é a cultura brasileira apenas olhando para as etnias que são pensadas em nossa história (indígena, europeia e africana). Isso porque a cultura tem a ver também com os costumes de um povo, com suas manifestações.

Apesar de ser difícil explicar o conceito de cultura e definir qual é a cara da cultura brasileira, é preciso levar em consideração que definir a identidade do brasileiro é possibilitar que os grupos étnicos minoritários que aqui vieram e vivem se reconheçam como parte daquilo que é chamado de Brasil.

Reconhecer-se como brasileiros é o que falta para muitas pessoas que já nasceram em nosso país, porém, que têm traços físicos estrangeiros e que não se veem como pertencentes ao Brasil ou ao país de onde suas famílias vieram. É o que acontece principalmente com os orientais: japoneses, chineses, coreanos, tailandeses, por exemplo, e é exposto pela Digital Influencer Thelma Nakae (2017).

Para tentar mostrar um pouco dessa identidade e das culturas brasileiras, trazemos a seguir algumas informações sobre diversas manifestações culturais praticadas no território brasileiro e sobre as culturas que contribuíram para a construção da sociedade atual.

Carnaval

É uma manifestação cultural que mostra muitos de nossos contrastes histórico-culturais. De acordo com a antropóloga Lélia Gonzalez (OKA, 2021), os desfiles das escolas de samba mostram um cenário imaginado de igualdade, mas oculta a existência do racismo e da desigualdade racial no dia a dia.

Umbanda

Uma religião brasileira que chegou a partir da

mistura entre elementos religiosos pertencentes a etnias africanas com elementos já existentes no Brasil, como o catolicismo e religiões indígenas.

Catolicismo popular

É um caráter muito presente na cultura popular brasileira. Até modifica as manifestações tradicionais do catolicismo “oficial”, segundo o antropólogo Mateus Oka (2021). Nesse sentido, há a presença dos santos católicos no cotidiano e de práticas que adaptam também expressões culturais indígenas e africanas.

“Pretuguês” ou português afro-brasileiro

De acordo com Lélia Gonzalez (OKA, 2021), algumas classes sociais demonstram preconceito linguístico com pessoas que falam “Framengo”, “cê”, “tá” e outras formas de encurtar as palavras. Ela também explica que são exemplos do “pretuguês”, isto é, surgem devido ao fato de haver um vocabulário altamente entranhado em culturas africanas, nas quais, por exemplo, não existe o som representado pela consoante “l”.

É preciso considerar que há regiões no Brasil em que o som representado pela consoante “l” também é trocado pelo som representado pela letra “r” por influência de línguas indígenas, como é o caso da etnia Nheengatu.

Samba

O samba é um tipo de música e de dança que identificam o Brasil, mas que carregam controvérsias. O violão, um dos instrumentos típicos do samba, é visto como algo de pessoas de classe baixa e, por isso, é rotulado pelo preconceito. Assim como acontecia com o pandeiro.

As manifestações citadas são cheias de controvérsias, expondo as várias formas de preconceito e de desigualdades sociais. Por essa razão, não se deve ignorar os conflitos de poder ao analisar as expressões culturais brasileiras.

Influências na cultura brasileira

Cultura indígena

Quando falamos em indígena, nos referimos aos povos originários do território que hoje é o Brasil. Antes de 1500, formavam mais de mil etnias indígenas diferentes. Por esse motivo, não podem ser considerados todos como sendo uma coisa só: “cultura indígena”. No entanto, diferentes etnias indígenas influenciaram significativamente a cultura brasileira, como, por exemplo, a religião e a língua portuguesa

presentes no vocabulário da língua portuguesa).

Cultura africana

Com o método utilizado para possibilitar a escravidão, povos africanos de diferentes etnias, com suas próprias culturas, vieram forçados para o Brasil. O que resultou em uma profunda e ativa influência na identidade e nos costumes do povo brasileiro. É por isso que, para Mateus Oka (2021), deveria-se dizer apenas “cultura brasileira”, já entendendo também que se trata de “cultura afro-brasileira”.

No nosso dia a dia, há vários elementos que mostram essa influência, como na culinária e na gastronomia brasileiras, com a feijoada, a moqueca e o vatapá; na arte, com o samba e a capoeira; na língua e nas religiões. Com certeza, a presença africana na cultura brasileira não acaba aí.

Cultura portuguesa

A presença da cultura portuguesa em nossa identidade é grande e isso se deve ao fato de o Brasil ter sido colonizado pelos portugueses. O que mais caracteriza essa influência é a nossa língua, porém, o português falado no Brasil sofreu inegavelmente a contribuição de muitas outras culturas.

Cultura europeia

Outros europeus vieram para o Brasil, porém, não como colonizadores, mas por incentivos diversos. Em nosso dia a dia, há muitos exemplos do resultado dessas influências. Por exemplo, na língua portuguesa há palavras que vieram do italiano, do espanhol, do alemão e de muitas outras línguas europeias. Na mesa do brasileiro, há pizza, café com leite, cerveja, vinho e sorvete.

Cultura asiática

Dentre os povos asiáticos, os japoneses são de maior destaque quando se trata da influência asiática em nossa cultura. Apesar disso, pessoas de origem asiática ainda são vistas como estrangeiras, o que provoca uma espécie de recusa em relação à sua presença em nosso dia a dia.

O Brasil hoje

O IBGE (2022) utiliza critérios para a identificação étnica do brasileiro e esses critérios resultaram em números que mostram que a população autodeclarada como preta ou parda é de mais de 53% dos brasileiros. E ainda há os indígenas e os amarelos, portanto, o número de pessoas brancas no país é, em 2019, de 42,7% do total de habitantes no país.

O sociólogo Ordep Serra (2018) fala que, durante muito tempo, o brasileiro negou suas raízes negras. Hoje, é aceito o fato de que nosso país deve muito às etnias africanas, mas isso ainda não é suficiente para acabar com a desigualdade social que há entre brancos e negros.

Ele pergunta: “É possível pensar em música brasileira sem pensar em música negra? É possível pensar em dança sem pensar em dança negra? É possível pensar em arte plástica brasileira sem pensar a contribuição dos negros? É possível pensar a ciência brasileira sem a contribuição dos negros? É impossível.”

Mesmo assim, a sociedade fecha os olhos para a desigualdade entre brancos e as etnias restantes. Bas'Illele Malomalo (2018), Diretor Geral do Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Negra do Brasil, diz que a primeira dinâmica que se observa em nossa história é de um silenciamento e de um apagamento do negro no Brasil. Humberto Ademi (2018), Presidente da Comissão Nacional Verdade da Escravidão Negra no Brasil, também defende a ocorrência desse fenômeno, complementando que se busca criar um esquecimento da contribuição do negro na formação do povo brasileiro.

Para justificar a escravidão, o negro foi coisificado, pois “coisa não pensa”, coisa não tem alma, como afirmou Raquel Dias (2018), Coordenadora Geral de Educação e Relações Étnico-Raciais do Ministério da Educação e Cultura.

Fontes:

CANAL PRETO. **Não existe cultura BRASILEIRA sem o NEGRO!** YouTube, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fsTtQHdbHjU>. Acesso em: 07 ago. 2022.

DAMATTA, Roberto. **As manifestações culturais simulam uma igualdade que não existe no dia a dia.** 2020. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/cultura-brasileira>. Acesso em: 06 ago. 2022.

OKA, Mateus. **Cultura brasileira.** Todo estudo. 2021. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/cultura-brasileira>. Acesso em: 07 ago. 2022.

UNIVESP. **Cultura Brasileira – Aula 1 – Quem é brasileiro, cultura?** YouTube, 29 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gM4Bx2XjxYs>. Acesso em: 07 ago. 2022.

YO BAN BOO. **No Brasil sou JAPONÊS.** No Japão sou BRASILEIRO. – Hora do Queijo. YouTube, 14 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKVfTfa4Uw0>. Acesso em: 07 ago. 2022.

Hino da Independência

Por **Guilherme da Silva de Carvalho**
e **Nicolas Massuci Fontana Pereira**

Primeiro registro do hino

O *Hino da Independência* teve o início de sua história no dia 16 de agosto de 1822, quando teve sua primeira anotação feita por Evaristo Veiga, que o nomeou de Hino Constitucionalista Brasiliense.

Primeira melodia antes da independência

A sua primeira melodia foi escrita logo após pelo maestro lusitano Marcos Portugal. Esses fatos antecedem o grito de “independência ou morte”, que marcou a emancipação do Brasil de Portugal.

A metamorfose do hino para Dom Pedro I

Após a proclamação, Dom Pedro I ficou sabendo da existência da canção e alterou a melodia para si, surgindo o *Hino da Independência* que cantamos atualmente.

Deodoro da Fonseca e seu concurso

O *Hino da Independência* foi sendo esquecido pelo povo brasileiro, deixando de ser tocado devido à Proclamação da República e por conta do encerramento do reinado de Dom Pedro I. Com a Proclamação da República, Deodoro da Fonseca tomou a frente na decisão de propor um grande concurso, para compor outra versão do hino. Entre os participantes, destacou-se Leopoldo Miguez, que teve a sua versão do hino simplesmente rejeitada pelo povo brasileiro, preferindo abraçar a já popular melodia de Joaquim Osório e Francisco Manuel da Silva.

Deodoro mantém o hino existente

Deodoro da Fonseca manteve o hino já popular, porém, denominou a composição de Miguez como *Hino da Proclamação Republicana*.

A volta do hino original

Em 1992, o *Hino da Independência* teve seu retorno graças às comemorações do centenário da independência e finalmente começou a ser conhecido novamente. Por algum motivo, ele voltou com sua melodia original, composta por Marcos Portugal. Apenas na Era Vargas, quando foi instituída uma comissão para estabelecer os hinos do país, a melodia criada por Dom Pedro I foi resgatada pelo maestro Heitor Villa-Lobos. A comissão escolheu esta canção, registrada como a melodia oficial do *Hino da Independência do Brasil*.

Significado do *Hino da Independência*

“Já podeis, da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil”

Esta estrofe busca incentivar os filhos da pátria brasileira a olharem com orgulho para seu país, pois, agora, o Brasil se encontra independente.

“Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil”

No refrão do hino, o autor afirma que o assombro dos portugueses se foi, não há mais o temor de sermos colonizados.

“Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil
Houve mão mais poderosa
Zombou deles o Brasil”

Compara a colonização de Portugal há estar preso por algemas. Nessa estrofe, há as palavras “grilhões”, “perfídia” e “ardil”, que significam, respectivamente, algemas, deslealdade e astúcia.

“Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Não temais ímpias falanges
Que apresentam face hostil
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil”

As “ímpias brasileiras” representam o exército brasileiro, comparando-os com as muralhas do Brasil. Já a “face hostil” assegura que os soldados não precisam temer e incentiva-os a serem confiantes e determinados.

“Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Parabéns, ó brasileiro
Já, com garbo varonil
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil”

Parabeniza-se o povo brasileiro, pois, dentre todas as nações, são os brasileiros que se destacam.

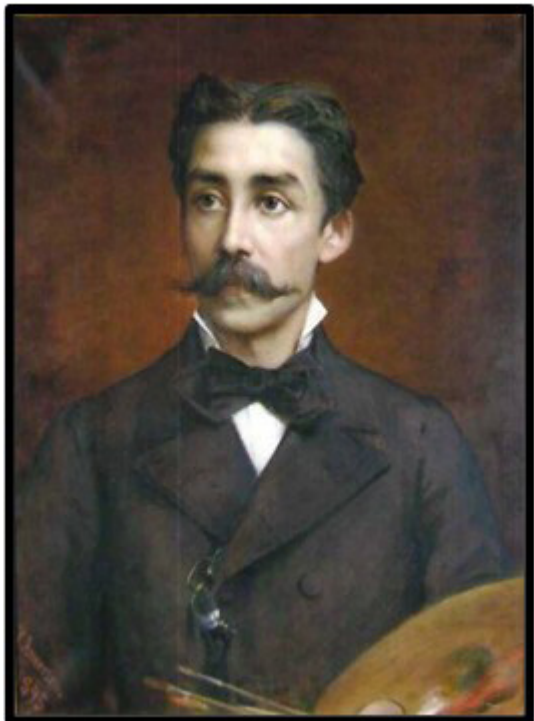
Fontes:

FERNANDES, Camila. **A história e o significado do hino da independência do Brasil**. Letras. 2021. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/blog/historia-hino-da-independencia-do-brasil/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Hino da Independência**. Brasil Escola. 2007. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/hinodaindependencia.htm>. Acesso em: 24 ago. 2022.

Pedro Américo e a Independência do Brasil

Por **Cecília Valentine de L. C. de Souza**
e **Sofia Vitória Lopes**



Pedro Américo nasceu em 29 de abril de 1843, em Areia (Paraíba) e faleceu em 07 de outubro de 1905, em Florença (Itália). Foi poeta, romancista, cientista, filósofo, ensaísta, dentre outras profissões; mas ele é lembrado por suas obras, tornando-se um dos pintores acadêmicos mais importantes do Brasil, deixando obras que impactam muitos apreciadores da arte. Como a “Batalha do Avaí” e “Independência ou Morte!”. A pessoa que mais incentivou Pedro, que desde criança teve esse grande talento, a seguir com sua arte foi seu pai.

Batalha do Avaí



A pintura retrata o acontecimento homônimo que ocorreu nove anos antes de Pedro Américo pintá-lo. Foi uma das principais batalhas travadas na Guerra do Paraguai e estavam presentes ícones da história, como Duque de Caxias e o General Osório. O quadro leva o gênero de “quadros guerreiros” ou “pinturas heroicas”, pois tinha o propósito de enaltecer os heróis nacionais que estiveram na Guerra do Paraguai.

Independência ou Morte

É uma pintura considerada a representação mais consagrada e difundida da independência do Brasil,



sendo gesto oficial da fundação do Brasil. Seu nome foi dado a partir de uma exclamação de Dom Pedro I ao proclamar a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822.

Começo da carreira de Pedro Américo

Pedro Américo tinha um enorme talento para a arte. Com seus nove anos, foi convidado e participou da expedição de um naturalista francês, Louis Jacques Brunnet, que viajou para o Nordeste, fazendo vários trabalhos artísticos. Essa viagem influenciou muito a vida do artista, pois lhe proporcionou várias oportunidades que mudaram sua vida.

Em 1854, foi aprovado na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), a instituição mais importante do Brasil no século XIX. Mas, antes, completou a escola, onde estudou por um período, o Colégio Pedro II.

Foi um aluno dedicado, segundo os relatos. Em 1856, entrou na AIBA e foi um dos melhores alunos. Sua autenticidade e vontade de se tornar um artista rendeu-lhe uma viagem para a Europa, para aperfeiçoar seus estudos.

Pedro Américo de volta ao Brasil

Em 1870, voltou ao Brasil e chegou como cônjuge de Carlota de Araújo Porto-Alegre, filha de Manuel de A. Porto-Alegre, diplomata no Brasil em Lisboa. Américo ensinou na AIBA, trabalhou nos museus Imperial e Nacional e produziu caricaturas para jornais.

Na AIBA, ensinou as matérias de Arqueologia, Estética e História da Arte. Soube aproveitar, naquele período, o forte nacionalismo existente. Por conta da Guerra do Paraguai, aproveitou e se inspirou para novas obras que se tornaram famosas.

Fontes:

FERNANDES, Cláudio. **A Batalha do Avaí segundo Pedro Américo**. Brasil Escola. 2015. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/guerras/batalha-avai-segundo-pedro-americo.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022.

NEVES, Daniel. **Pedro Américo: juventude, formação, carreira**. Brasil Escola. 2021. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/artes/pedro-americo.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022.



Vale dos Reis no Antigo Egito

*Por Arthur Silverio da Silva
e Elias Murgi Neto*

Segundo o site *Memphis Tours*, o Vale dos Reis é um vale que se encontra no Egito e é o lugar onde podemos encontrar tumbas que foram construídas para os faraós. O Vale dos Reis foi um complexo onde essas tumbas foram construídas em montanhas. No total, há 70 faraós nesses túmulos localizados na margem oeste do famoso rio Nilo.

Além disso, é onde um mito moderno teve seu começo, com a grande descoberta em 1922 do túmulo de Tutancâmon por Howard Carter. O túmulo foi encontrado com todos os tesouros que haviam sido enterrados junto ao corpo. A fama dessa descoberta iniciou uma nova era no turismo egípcio. Como os tesouros de Tutancâmon acabaram viajando pelo mundo, gerou-se um grande interesse pela história do Egito Antigo.

Logo à primeira vista, o Vale dos Reis não parece tão interessante, mas conforme se pesquisa sobre a história dos túmulos escavados em rochas, a visão e a opinião sobre o local acabam mudando.

O vale não é muito mais do que um desfiladeiro. A escavação ainda se encontra em andamento em algumas dessas tumbas, mas muitas já se encontram abertas aos visitantes em uma espécie de cronograma rotativo, para permitir a restauração delas.

Mas é importante lembrar que Tutancâmon não teve tanta importância e influência na história do Antigo

Egito quanto o Ramsés II e outros grandes nomes. A fama desse jovem faraó só ocorreu pela descoberta de seu túmulo, que foi o único encontrado com todos os artefatos e riquezas em seu interior. Todos os artefatos encontrados junto ao jovem rei podem ser vistos no Museu egípcio, que está localizado em Cairo.

Construir esses túmulos fazia parte da crença do antigo Egito sobre a suposta vida após a morte e os preparativos que deveriam ser feitos para essa jornada. Os antigos egípcios acreditavam fortemente na vida após a morte, para a qual havia a promessa de voltar e continuar com a vida. A esses faraós foi prometida também uma aliança com os deuses.

O processo de mumificação era basicamente uma tentativa de preservar o corpo do faraó de forma que o ficasse conservado, permitindo ao falecido que sua eterna alma despertasse da vida após a morte. Nesses antigos túmulos, os bens materiais eram enterrados junto ao corpo, pois eles acreditavam que poderiam precisar deles depois, na outra jornada.

O Vale dos Reis era parte da necrópolis de Tebas, capital do Império Novo e se trata de um conjunto de tumbas construído entre os séculos XVI e XI a.C. Essas tumbas abrigavam as múmias dos faraós, de seus familiares e de outros integrantes da nobreza egípcia.

A História aponta que Menés foi o primeiro faraó do Antigo Egito e que ele foi o responsável por unificar o reino dividido, o que teria acontecido por volta do ano 3.100 a.C.

Fonte:

MEMPHIS TOURS. **Vale dos Reis**. 2018. Disponível em: <https://br.memphistours.com/Egito/Guia-de-Viagem/tudo-sobre-luxor/wiki/vale-dos-reis>. Acesso em: 27 ago. 2022.

Imagem: Memphis Tours.

Arqueologia egípcia

*Por Kaleb Silva dos Reis
e Rafael de Aquino Nieto*

A arqueologia egípcia faz pesquisas sobre objetos que foram deixados pelas pessoas que viviam no Egito Antigo. E o órgão responsável pela fiscalização e regulamentação das pesquisas de Arqueologia no Egito é o do Ministry of State for Antiquities (MSA), através do Supreme Council of Antiquities (SCA), que é semelhante ao IPHAN no Brasil.

O foco não está somente no Egito conhecido dos faraós, mas também no Egito do povo que viveu mais no passado ainda. O arqueólogo é o detetive que tem a obrigação de investigar os mais diversos tipos de vestígios materiais para compreender o contexto de atividades humanas em um determinado tempo e espaço. A arqueologia reconstrói os modos de vida, os processos culturais de uma sociedade ou grupo humano que não se faz mais presente num determinado espaço.

Arqueólogos podem trabalhar em museus, atuando como curador de exposições e de acervos arqueológicos, além de poder contribuir na restauração de alguns objetos sendo esta apenas uma parte dos trabalhos que o arqueólogo pode realizar. O intervalo de estudo compreende toda a história da ocupação humana no local do Egito, ou seja, existe uma prioridade, falar mais do período faraônico. Eles também estudam a civilização egípcia, mas não amplamente. Estão mais interessados nos tempos da hegemonia greco-romana.

O progresso da Arqueologia definiu o crescimento dos estudos no Egito e foi motivado pelo trabalho de vários profissionais dessa área.

As escavações feitas às margens do Rio Nilo representaram preciosos ensinamentos para os pesquisadores e atraíram muitos ladrões e falsificadores. Os estudiosos têm textos históricos e repertório imagético para fazer as traduções.

Dos documentos visuais, eles tiram as conclusões sobre as configurações materiais dos objetos. Quase todos sabem que a Arqueologia baseia suas pesquisas nas investigações de ruínas e antigos sítios. As escavações são essenciais nos casos em que são envolvidas informações desconhecidas ou que precisam ser guardadas. O Brasil tem enviado arqueólogos para o norte da África, para as cidades de Tânis e Saqqara.

Vários arqueólogos se tornaram famosos por aparecerem em livros didáticos ou em obras acadêmicas. Há também aqueles que ficaram famosos por colaborarem com os estudos sobre o Egito.

Howard Carter ficou famoso ao encontrar, em 1922, o túmulo do faraó Tutankhamon. Uma missão arqueológica descobriu uma cidade soterrada no Egito, com mais de 3.000 anos, perto de Luxor.

Descobertas mais atuais no Egito ocorreram em março de 2008. Egípcios e europeus divulgaram uma descoberta importante: uma enorme estátua de uma ancestral rainha dos tempos dos faraós, localizada na região de Colossi de Memnon, no sul do país.

Fontes:

JAMILLE, Márcia. **Arqueologia egípcia**. 2016. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/subareas-da-arqueologia/arqueologia-egipcia/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTANA, Ana Lucia. **Arqueologia no Egito**. 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacao-egipcia/arqueologia-no-egito/>. Acesso em: 15 ago. 2022.



Pirâmides do Egito. Imagem de domínio público.

Tradução da Pedra de Roseta

*Por Willian Augusto Costa da Silva
e Prof.^a Gessiely Aparecida Sperandio*

O que o famigerado Napoleão Bonaparte, os ingleses, a rota do caminho para a Índia e o Egito Antigo têm em comum? Por mais incrível que pareça, foi dentro deste contexto histórico conturbado que se fez uma das descobertas mais importantes da história, que levaria a uma descoberta ainda mais impressionante: a pedra de Roseta; e, posteriormente, à tradução de uma das línguas mais antigas do mundo, a língua egípcia e sua escrita hieroglífica.

Em 1798 e 1799, Napoleão Bonaparte liderou uma expedição ao Egito. Essa era uma campanha militar para conquistar o território geográfico, pois, dali, os franceses poderiam avançar em direção à Índia. Claro que não se tratava de uma mera conquista territorial. Eles queriam interromper a rota dos ingleses para a Índia, interferindo no domínio francês sobre o povo indiano e dificultando o comércio entre eles.

Em meio a tudo isso, na cidade marítima de Roseta, um dos soldados de Napoleão, integrante da equipe de Pierre-François Bouchard, descobriu a pedra que havia sido utilizada para a construção de um forte local. A pedra logo chamou sua atenção por conter escritos antigos. Posteriormente, pesquisadores ingleses logo confirmariam a existência de um mesmo texto escrito em três grafias, a escrita hieroglífica na parte superior da pedra, o grego antigo na parte inferior e o demótico ao centro (forma de escrita egípcia mais simplificada utilizada no dia a dia). Entretanto, a pedra não permaneceu com os franceses. O exército de Napoleão no Egito foi derrotado em 1801 pelos ingleses, portanto os franceses foram obrigados a entregá-la aos britânicos. De lá, ela foi levada à Londres, onde permanece, até hoje, no acervo do Museu Britânico.

Datada de 196 a.C., a pedra é de estela de granodiorito e é um registro do período ptolomaico, época em que o Egito foi dominado e controlado pelos gregos, o que explica um dos três textos ter sido escrito em grego antigo.

Agora que os fatos históricos foram esclarecidos vamos, entender a importância crucial de Jean-François Champollion para a história egípcia e sua relação com a pedra de Roseta.

Jean-François Champollion era obcecado por tudo relacionado ao Egito Antigo. Devido à sua bagagem acadêmica, ele passou por estudos que iam de gramática chinesa à etíope. Assim, ele era um verdadeiro mestre da Linguística. Champollion foi, então, o nome responsável por finalmente decifrar os escritos misteriosos. Contudo, ele demorou quase duas décadas para finalizar sua tradução, no ano de 1922. O ponto-chave para que essa completa decifração se desse foi justamente ele entender que os hieróglifos da pedra imitavam a fonética (e que cada símbolo representava até três sons diferentes). Dizem que a felicidade deste homem de meia-idade naquele momento foi tanta, mas tanta, que ele desmaiou e só se recuperou do baque cinco dias depois!

Enfim, o grande pesquisador morreu em 1832, poucos anos após a conclusão de seu feito, que viria a sofrer certas divergências de tradução nos anos seguintes. Porém, sua importância e contribuição para a História, em geral, deixou um legado imenso por transformar a história da Arqueologia com a ocasionalmente considerada a “pedra mais famosa do mundo”.

E nas palavras do egiptólogo John Ray, disponíveis na revista Smithsonian Magazine, tem-se: “Ao decifrar a pedra de Roseta, a própria voz dessa civilização foi manifestada e, subitamente, períodos inteiros da história foram revelados.” É no mínimo fascinante como essas revelações se desdobraram e ainda se desdobram nos dias de hoje, instigando a contemporaneidade a olhar para o seu passado e a buscar a compreensão das origens das civilizações.

Fontes:

BLAKEMORE, Erin. **Como a Pedra de Roseta ajudou a desvendar os segredos de antigas civilizações**. 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2021/07/como-a-pedra-de-roseta-ajudou-a-desvendar-os-segredos-de-antigas-civilizacoes>.

REDAÇÃO GALILEU. **Conheça a Pedra de Roseta, que mudou a história da arqueologia**. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/amp/Ciencia/Arqueologia/noticia/2018/07/conheca-pedra-de-roseta-que-mudou-historia-da-arqueologia.html>.

REVISTA HISTÓRIA. **O que é a Pedra de Roseta?** 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-pedra-de-roseta/amp/>.

A pintura na Semana de Arte Moderna

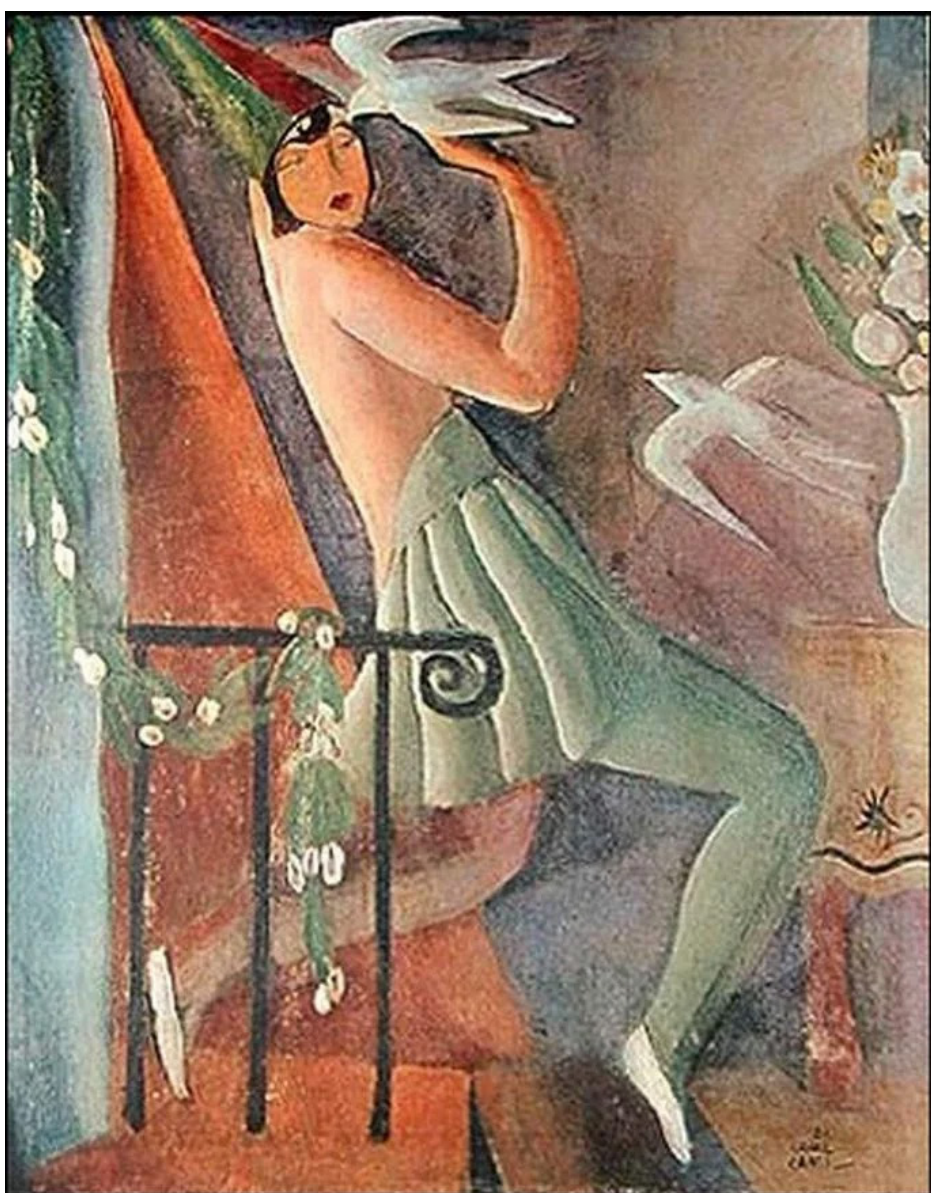
Por **Gustavo Henrique da Silva de Carvalho**
e **Hugo Rian Bezerra da Conceição**

A Semana de Arte Moderna ocorreu entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. A intenção do evento de 22 era chocar o público e fazer uma divisão. Ela se contrapunha ao academicismo e ao tradicionalismo, criticando o modelo parnasiano. É notória a influência das vanguardas artísticas europeias: Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, Expressionismo. Buscava a liberdade artística, uso de elementos do cotidiano e a valorização da identidade brasileira.

Nas Artes Plásticas (pintura e desenho) temos: Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Zina Aita, Vicente do Rego Monteiro, Ferrignac (Inácio da Costa Ferreira), Yan de Almeida Prado, John Graz, Alberto Martins Ribeiro e Oswaldo Goeldi.

Di Cavalcanti (1897-1976)

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque ou Di Cavalcanti foi um dos maiores nomes relacionados ao movimento modernista. Foi um dos principais organizadores da Semana de 22 e quem apresentou onze trabalhos naquela ocasião, além das ilustrações publicitárias do evento.



Pierrete - Di Cavalcanti Imagem: Cultura Genial.

Suas obras apresentam influência do Expressionismo alemão e do Cubismo, principalmente nas cores vibrantes e desenhos que retratavam a sociedade brasileira da época, como as favelas, os carnavais, os negros, dentre outros elementos. A sua estética tinha como objetivo a construção de uma identidade nacional.

Uma de suas obras expostas foi “Pierrete” (1922).

Anita Malfatti (1889-1964)

Anita Malfatti foi uma das mais importantes artistas plásticas brasileiras e é considerada pioneira da Arte Moderna no Brasil. Em 1917, Anita agrupou cinquenta e três de suas obras com forte influência expressionista, com o propósito de mostrá-las, em São Paulo, na “Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti”. Ela foi de grande importância na Semana de Arte Moderna, em 1922.



O homem amarelo - Anita Malfatti. Imagem: Arte & Artistas.



A estudante - Anita Malfatti. Imagem: SP Escola de Teatro.

“O Homem Amarelo” e “A Estudante” foram duas obras apresentadas na Semana. A primeira versão de “O Homem Amarelo” foi produzida durante a sua estada nos Estados Unidos. A obra retrata um pobre imigrante italiano que posou para a artista enquanto estudava no interior. Quando regressou ao Brasil, em 1917, foi incentivada por Cavalcanti e Menotti Del Picchia a expô-la.

“Anita retrata de maneira sensível, inusitada e ousada a forma e cor; a figura apresenta um olhar desorientado de desalento, roupas simples, baratas e desgastadas pelo tempo, tematizando de maneira sutil as problemáticas que assolavam o mundo na época; guerras, fome e a epidemia da gripe espanhola.” (POLIZELLI, 2022) A artista dava destaques a traços, revelando expressões, fazendo o uso de diversas cores.

Vicente de Rego Monteiro (1899 – 1970)

O pintor, escultor, desenhista, ilustrador e artista gráfico Vicente de Rego Monteiro foi outro nome relacionado à Semana de 22. Apesar de não estar presente fisicamente no evento, enviou algumas de suas obras para serem expostas. O artista fazia uso de elementos culturais indígenas, entretanto, pode-se notar o uso de elementos religiosos cristãos, como na pintura “Deposição”, conhecida como “Pietà”, de 1924. Sua obra tem grande relação com o Cubismo, que, segundo Vicente, proporcionou “(...) as noções de construção, luz e formas.” Freire (1994) também cita as suas outras influências: “O futurismo, o cubismo, a estampa japonesa, a arte negra, a escola de Paris, nosso barroco, e sobretudo, a arte do nosso ameríndio na ilha de Marajó.”

Duas de suas obras expostas foram: “O Nascimento de Mani” e “O Boto” (1921).



O nascimento de Mani - Vicente do Rego Monteiro. Imagem: Macvirtual.

A Semana de Arte Moderna é o marco oficial do movimento modernista brasileiro. A reação do público era de estranheza, espanto e frustração, com aquela estética importada da vanguarda europeia. As ideias que foram propostas naquela época, foram realmente aceitas, alguns anos depois.



O boto - Vicente do Rego Monteiro. Imagem: Blog Arte Fonte de Conhecimento.

Fontes:

ALENCAR, Valéria Peixoto de. **Vicente do Rego Monteiro – Cultura indígena no Modernismo**. 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/vicente-do-rego-monteiro-cultura-indigena-no-modernismo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BORGES, Gessica. **Os grandes pintores brasileiros da Semana da Arte Moderna em 1922**. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/grandes_pintores_brasileiros_semana_arte_moderna/. Acesso em: 18 ago. 2022.

DIANA, Daniela. **Di Cavalcanti**. 2015. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.todamateria.com.br/di-cavalcanti/amp/>. Acesso em 18 ago. 2022.

FREIRE, Gilberto et alii. **Vicente do Rego Monteiro – Pintor e poeta**. 5. ed. Rio de Janeiro: Cor Editores, 1994.

G1 FANTÁSTICO. **Os 100 anos da Semana de Arte Moderna**: veja obras mais famosas dos pintores do movimento. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/02/13/os-100-anos-da-semana-de-arte-moderna-veja-obras-mais-famosas-dos-pintores-do-movimento.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PADOVAN, Thiago. **Centenário: conheça os artistas e o que queriam os modernistas de 1922**. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-02/centenario-conheca-os-artistas-e-o-que-queriam-os-modernistas-de-22>. Acesso em: 18 ago. 2022.

POLIZELLI, Letícia. **100 anos da Semana de 22: O Homem Amarelo, de Anita Malfatti**. 2022. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/100-anos-da-semana-de-22-o-homem-amarelo-de-anita-malfatti>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SP ESCOLA DE TEATRO. **100 anos da Semana de 22: conheça a obra A Estudante, de Anita Malfatti**. 2022. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/100-da-semana-de-22-conheca-a-obra-a-estudante-de-anita-malfatti>. Acesso em: 18 ago. 2022.

A poesia modernista

*Por Bianca de Souza Pires
e Matheus Henrique Trivelato Vieira*

A poesia modernista foi uma das expressões artísticas presentes na Semana da Arte moderna, que aconteceu no ano de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo.

A intenção dos artistas da época era promover uma “mudança” no mundo da criatividade (Artes), rompendo com todo aquele “padrão” de como compor uma obra artística, valorizando também a liberdade de expressão. E na poesia modernista, os poetas queriam quebrar com todo aquele “tradicionalismo” sobre como eles deveriam escrever suas poesias.

No passado, as poesias eram escritas de forma a se adequar a uma estética rígida em sua forma; e como já é conhecido, a língua portuguesa foi passando por várias mudanças durante o tempo. Tanto que há livros antigos que até são difíceis de se entender, porque o vocabulário era diferente do atual.

E isso talvez tenha sido uns dos principais motivos para os poetas se manifestarem nesse evento: eles não só queriam escrever as poesias com seu jeito único, como também queriam que as pessoas, quando lessem, conseguissem entender o que estivessem lendo. Dizem que nem mesmo as próprias pessoas que viviam quando as obras eram lançadas não as entendiam.

Algo importante que aconteceu nesse evento foi a declamação do poema “Os Sapos”, de Manuel Bandeira. O poema em si foi criado no ano de 1918 e publicado em 1919, em uma coletânea chamada “Carnaval”, mas como Manuel não era conhecido na época, ele pagou do seu próprio bolso a sua publicação.

Mario Andrade foi um dos principais nomes no evento e foi uma das pessoas que recebeu a obra, dizendo que “Os Sapos” era um dos melhores poemas modernistas brasileiros.

O poema aproveita-se da paródia, da ironia e do humor para fazer uma crítica aos poetas parnasianos, pois Manuel e o próprio Modernismo Brasileiro eram contra a forma de poesia praticada pelos parnasianos. Manuel escreveu vários poemas criticando poetas parnasianos da época.

O próprio título do poema, “Os sapos”, seriam esses poetas, que sempre buscavam uma rima perfeita, uma estrutura formal, a ponto de tornar sua leitura árdua e difícil.

Por isso, no ano de 1922, na Semana da Arte Moderna, Manuel Bandeira resolveu expor seu poema, mas como o mesmo não foi ao evento, o poema foi lido

por Ronald de Carvalho. Ronald foi vaiado.

Os sapos

Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– “Meu pai foi à guerra!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – “Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...”

Urra o sapo-boi:
– “Meu pai foi rei!” – “Foi!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
– A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo”.

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
– “Sei!” – “Não sabe!” – “Sabel!”.

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

E claro, sem contar que houve também muitos artistas conhecidos no evento, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, entre outros.

Fonte:

CULTURA GENIAL. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/>. Acesso em: 18 ago. 22.

A trágica e incompreendida arte em meio à ignorância

Uma viagem na história de uma das maiores e influentes pintoras brasileiras, Anita Malfatti, e o maior conflito de sua carreira envolvendo a crítica de um dos principais escritores brasileiros, Monteiro Lobato.

Por **Erick Junio Barone**
e **Livia Vitória Lopes**



Anita Malfatti. Imagem: Brasil Escola.

Muitas vezes intitulada de Van Gogh Brasileira, Anita Malfatti foi importante figura na história da arte de nosso país. Pioneira da Arte Moderna no Brasil, se destacava por suas telas marcantes, inspiradas nas vanguardas europeias.

Nascida em 2 de dezembro de 1889, em São Paulo, ela demonstrou interesse pela pintura ainda jovem: foi ensinada inicialmente por sua mãe, Eleonora Elizabeth Krug (1866-1952), uma professora norte-americana de pintura, vindo posteriormente a estudar, no ano de 1914, no Museu Real de Artes e Ofícios, na Alemanha, onde, durante sua estada na capital alemã, viria conhecer a arte vanguarda do Cubismo e do Expressionismo, estilos que influenciaram seus trabalhos futuros, e em 1915 e 1916, na *Arts Students League of New York* e na *Independent School of Art*, nos Estados Unidos.

Mesmo apresentando sua mão e braço direito atrofiados devido a um problema de saúde congênito, isso não foi um empecilho para Anita, visto que, devido à sua dedicação, foi capaz de aprender a criar e escrever com a mão esquerda. Em 1897, iniciou seus estudos no Externato de São José, período no qual também teria iniciado sua aprendizagem na pintura.

Antes mesmo de se tornar uma adulta, Anita se tornou professora, vindo também a se desenvolver como desenhista, gravurista, pintora e ilustradora. Sua primeira exposição individual ocorreu em 1914, em São Paulo, no Mappin Stores, onde almejava conseguir uma bolsa de viagem à Europa, mas acabou recebendo duras críticas de seu avaliador.

Devido a isso e à guerra que se formava no continente europeu, partiu para os Estados Unidos, financiada por seu padrinho, entretanto, sua exposição mais famosa seria a de 1917, tida como um marco do Modernismo no Brasil, quando apresentou suas 53 obras, que foram recebidas com diversas críticas e polêmicas: fatos que a afetaram de tal maneira que a fariam abandonar a pintura durante um ano.

A exposição de Malfatti e a crítica de Lobato

A mais famosa exposição de Anita aconteceu em dezembro de 1917, incentivada por Di Cavalcanti, sua exposição contava com 53 obras.

Seu trabalho não foi recebido da forma esperada, suas obras foram duramente criticadas pela sociedade paulistana extremamente conservadora da época, contudo, a crítica mais severa ao seu trabalho foi feita pelo muito influente Monteiro Lobato (1882-1948), escritor pré-modernista conhecido principalmente por suas obras de literatura infantil, sendo a mais famosa “O Sítio do Pica-pau Amarelo”.

A crítica de Lobato foi publicada no jornal “O Estado de S. Paulo”, no artigo intitulado “A propósito da exposição Malfatti”. Conhecido também como “Paranoia ou Mistificação?”, o texto atingiu grandes proporções, fazendo com que obras compradas durante a exposição fossem devolvidas pelos compradores. Tal situação foi extremamente marcante de maneira negativa na vida de Malfatti: a artista deixou de pintar durante algum tempo, além de buscar referências mais realistas e de se matricular em aulas com o pintor acadêmico Pedro Alexandrino, famoso por suas naturezas mortas.

“Embora eles se deem como novos precursores duma arte a ir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação. De há muitos já que a estudam os psiquiatras em seus



A boba - Anita Malfatti. Imagem: Cultura Genial.

tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura.”

Esse é um trecho do artigo escrito por Monteiro Lobato, em que ele compara a arte de Malfatti à arte que decora as paredes internas de manicômios. Entretanto, ao mesmo tempo em que a exposição tenha trazido tantas críticas desfavoráveis, Anita recebeu apoio de artistas que admiravam seu trabalho, como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Pedro Alexandrino Borges.

Seu legado e ideias precederam e inspiraram a Semana de Arte Moderna de 22, manifestação artístico-cultural que ocorreu entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo, onde artistas de diversos meios buscavam uma nova visão sobre a arte, a partir de ideias inovadoras baseadas nas vanguardas europeias. A Semana de 22 inaugurou um novo estilo de arte, que buscava renovação social e artística no país e a valorização nacional: o Modernismo.

Anita participou da Semana de 22 com 20 obras expostas, sendo a mais famosa “O homem amarelo”.

Apesar de todos os julgamentos que Anita

recebeu em vida, atualmente seu trabalho é visto com apreciação e reconhecimento.

Fontes:

AIDAR, Laura. **Semana de Arte Moderna**. Toda matéria. 2014. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/semana-de-arte-moderna/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ESTADÃO. **Leia o texto de Monteiro Lobato contra Anita Malfatti em 1917**. 2022. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,leia-o-texto-de-monteiro-lobato-contr-anita-malfatti-em-1917,70003974798,0.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FUKS, Rebeca. **Anita Malfatti: obras e biografia**. Cultura Genial. 2020. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/anita-malfatti-obras-biografia/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

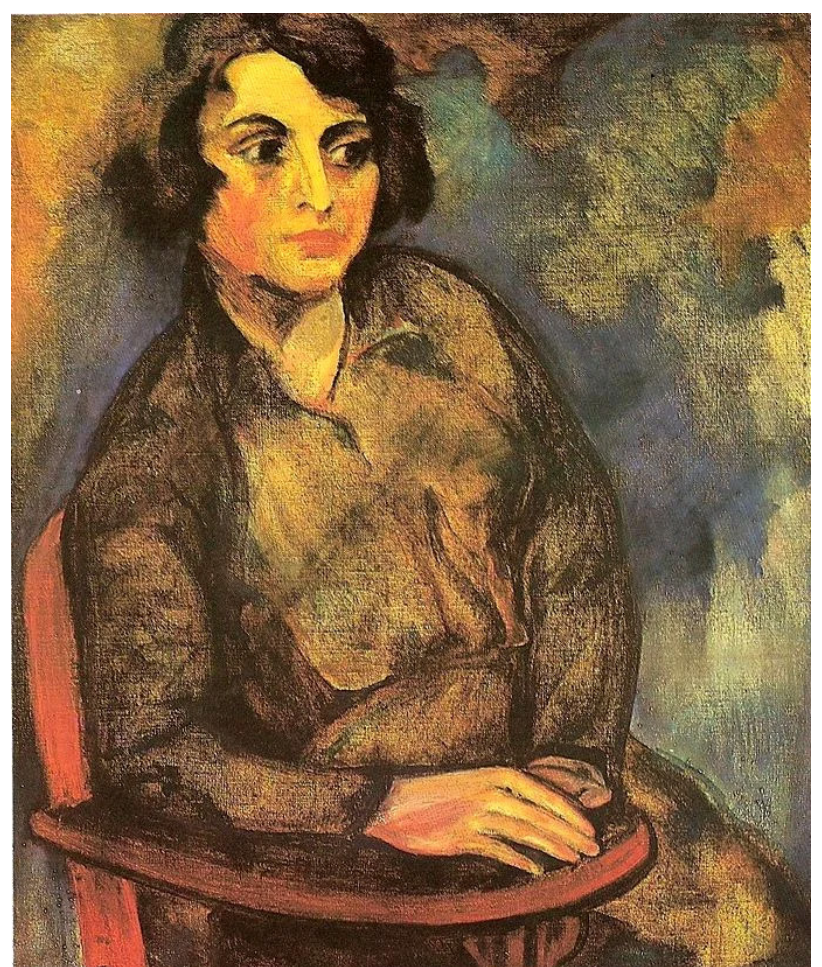
PERES, Alexandre. **Anita Malfatti – Quem foi? Biografia e principais obras**. Gestão Educacional. 2022. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/anita-malfatti-quem-foi/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

REVISTA PROSA, VERSO E ARTE. **Exposição “Anita Malfatti: 100 anos de Arte Moderna”**. Revista Prosa Verso e Arte. 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/exposicao-anita-malfatti-100-anos-de-arte-moderna/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUSA, Alana. **“Arte anormal”**: a dura crítica de Monteiro Lobato à arte de Anita Malfatti. Aventuras na história. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/arte-anormal-a-dura-critica-de-monteiro-lobato-a-arte-de-anita-malfatti.phtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, Warley. **Anita Malfatti**. Toda Matéria. 2020. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/artes/anita-malfatti.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, Warley. **Monteiro Lobato**. Brasil Escola. 2008. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/monteiro-lobato.htm#:~:text=O%20escritor%20brasileiro%20Monteiro%20Lobato,pelo%20nacionalismo%20e%20cr%C3%ADtica%20sociopol%C3%ADtica>. Acesso em: 20 ago. 2022.



A estudante russa - Anita Malfatti. Imagem: Cultura Genial.

A importância da Semana de Arte Moderna para a língua e a literatura no Brasil

Por Prof. Marcelo C. Acri

Era início do século XX: nos anos 20 e 30, um processo de urbanização era fortemente incentivado. Em São Paulo, imigrantes chegavam e se juntavam a pessoas vindas de todo canto do Brasil, que saíam do campo em busca da cidade. Ainda era verdade que setenta por cento da população brasileira ainda se dedicava à agricultura, mas a urbanização avançava vorazmente.

A cidade fervilhava com novos costumes e novos sotaques. Talvez a nossa língua não tivesse sofrido, antes, tanta influência em nosso próprio país. Tudo parecia fazer parte de um caldeirão em cima do fogão: eram tantas novidades que a gente daquele tempo sentia que precisava gritar: “Espera! Quem somos nós agora?”

E foi um grito que ecoou nas artes! Antes de acabar a década de 1910, alguns artistas influentes começaram a sugerir um evento que definisse a nova e verdadeira arte brasileira. Na verdade, parecia um sopro de ar no meio daquele sufoco provocado por tantas misturas.

Oswald de Andrade, um daqueles artistas, trouxera para cá influências do Cubismo, do Expressionismo e, principalmente, do Futurismo. Parte daquelas outrora chamadas Vanguardas Europeias. E isso aconteceu já em 1912! Pelo que ouvíamos, suas obras trouxeram características como uma maior liberdade para a forma de escrever, de dizer algo. É como se a linguagem do povo chegasse (finalmente!) para a literatura. Anos depois, entendemos que era isso mesmo.

E entendemos o motivo de vaias durante a declamação do poema “Os sapos” (Manuel Bandeira, 1917) naquele evento importante que gerou muito burburinho entre escritores, pintores, jornalistas, críticos e outros artistas paulistanos, a Semana de Arte Moderna. Nos jornais, só se falava na crítica que Oswald e outros artistas faziam à arte já chamada de

“passado”. No caso da literatura, o Parnasianismo. E nas críticas feitas pelos criticados.

Não só a língua do povo fora para a literatura, os costumes, o dia a dia, a dor, a alegria, o sofrimento, as vitórias: tudo estava lá. “A couve mineira tem gosto de bife inglês” é o primeiro verso de um poema de Oswald (“Digestão”, 1925). Na primeira leitura, parecia engraçado para nós. E realmente tem algum humor ali. Mas daí percebemos que o brasileiro parecia ter chegado na poesia. E não era uma poesia que mostrava uma realidade sonhada, mas uma realidade de pessoas que tinham dores, mas também tinham sonhos. Vidas que conhecem o que aquele poema (tragicômico) de Manuel Bandeira, de 1917, dizia: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”.

A Semana

A data era 13 de fevereiro de 1922. Às 20h, estava agendada a abertura de uma exposição de artes plásticas no saguão do Theatro de São Paulo, com pinturas de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, John Graz, Zina Aita, Almeida Prado e Vicente do Rego Monteiro. Também estavam expostas esculturas de Victor Brecheret e projetos de arquitetura de Antônio Moya e Georg Prziembel.

Naquele horário, também começara uma palestra com Graça Aranha, intitulada “A emoção estética na Arte Moderna”. Pelo que soubemos, mesmo sendo um dos imortais da Academia Brasileira de Letras, o escritor foi vaiado por causa de suas críticas contra o academicismo existente na literatura. Aliás, vaias foram o que não faltaram naquele evento. Segundo jornalistas, o público zombava das obras. Disseram até que as chacotas talvez lembrassem o artigo que Monteiro Lobato publicara contra a exposição de Anita Malfatti.

Graça Aranha teve sua palestra acompanhada, em alguns momentos, por apresentações musicais com o maestro Ernani Braga e com declamações de poemas feitas por Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida. A peça musical apresentada foi *D. Edriophthalma*, de Erik Satie, que parodiava a *Marcha Fúnebre*, de Chopin. Satie era um músico minimalista: outra tendência, na música, que fazia parte das Vanguardas Europeias.

Depois, Ronald de Carvalho também discursou, falando sobre “A pintura e a escultura moderna no Brasil”. E houve mais apresentações musicais, como Ernani Braga, ao piano, tocando três danças africanas de Villa-Lobos: *Farrapos*, *Kaukulus* e *Kankikis*; e ao

teclado, outras três peças também de Villa-Lobos.

Para encerrar a primeira noite, Oswald de Andrade leu poemas de sua autoria e Mário de Andrade palestrou sobre Estética. Assim, o primeiro dia sobrevivera às vaias, zombarias e ofensas.

No dia 15, uma quarta-feira, Guiomar Novaes, uma pianista, enviou para o jornal *O Estado de S. Paulo* uma carta manifestando-se contra a paródia de Erik Satie. Apesar disso, participou também do evento: o que abrisse espaço para uma provocação, pois ela executou, no intervalo, peças clássicas (isto é, academicistas).

Menotti Del Picchia palestrou sobre Estética e Arte. Houve uma apresentação de dança realizada por Yvone Daumerie e declamação de poemas e trechos de obras em prosa, com leituras feitas por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Graça Aranha, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Ribeiro Couto, Plínio Salgado e Agenor Barbosa. Naquele dia, as vaias se tornaram relinchos e miados vindos do público!

Foi nesse dia, ainda, que Ronald de Carvalho declamou o poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira. O refrão do poema foi acompanhado aos berros por parte do público, que compreendia e apoiava o movimento, enquanto a outra parte latia, guinchava, miava. Não é possível deixar de dizer que a arte passara a conhecer seu novo público no Brasil. Conta-se que Ronald de Carvalho, ao primeiro latido, disse: “Há um cachorro na sala, mas não está do lado de cá.” Assim findara o segundo dia.

Finalmente, no terceiro dia, 17 de fevereiro, Villa-Lobos, Ernani Braga, Alfredo Gomes, Paulina d’Ambrósio, Maria Emma, Lucília Villa-Lobos, Pedro Vieira e Antão Soares realizaram um longo recital. Um fato que rendeu comentários maldosos foi o maestro Villa-Lobos ter ido de casaca, porém, com um pé calçado e outro de chinelo. O maestro tinha um calo inflamado. Mas qual é o crítico que busca ouvir, saber e entender? Houve quem tenha dito que Villa-Lobos tivera uma inspiração (de moda) “futurista”. Publicou-se em notícias que um espectador até abriu um guarda-chuva em protesto ao figurino do regente.

Embora isso tenha acontecido, o dia foi mais tranquilo. E, sem muitos problemas, foi possível para os artistas modernistas reafirmarem os três objetivos fundamentais do movimento. Agora, lendo-os, entendo aquilo que me parecera ser, contudo, de forma intuitiva, talvez: a arte deveria ser constantemente atualizada, próxima da língua brasileira falada pelo

povo brasileiro e pautada pela livre expressão, pela valorização daquilo que é realmente brasileiro.

De lá pra cá, como diz o povo, nossa literatura se desenvolveu de uma forma tão incrível. *Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ferreira Gullar* são alguns dos ícones da literatura Modernista que surgiram posteriormente.

Depois de décadas, todos são nomes valorizados. Claramente, é preciso ir além e buscar mais do chão onde o brasileiro pisa todos os dias, para que a arte se aproxime daquele que precisa conhecê-la e valorizá-la. Mais do que isso: a arte precisa se ressignificar e ser representativa do verdadeiro brasileiro, que sofre, que grita, que dói. É como perguntava Lenine: “Com quantos Brasis se faz o Brasil?” (*Sob o mesmo céu*, 2019).

Dedicatória:

Dedico esse texto, com um carinho especial de entusiasta da Literatura Brasileira e professor de Língua Portuguesa, a **Alfredo Bosi** (1936-2021), que foi professor na Universidade de São Paulo (USP), crítico literário e historiador da Literatura Brasileira.



Prof. Alfredo Bosi.

Imagem: Ormuzd Alves, 14 out. 1992 - Folhapress.

Fontes:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Manuel Bandeira**. 1999. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/textos-escolhidos>. Acesso em: 16 ago. 2022.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Ed. Pensamento, 1984.